



DEUSA VIVA

Uma publicação do círculo de mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia .. Fevereiro de 2017 .. nº 216



VOR (VÖR) – “A SÁBIA”, “A DEUSA DA CONSCIÊNCIA”

por Mirella Faur

Vor é a mais enigmática das acompanhantes de Frigga, seu nome sendo associado à “consciência, fé cuidado”. Ela procura permanentemente sabedoria e conhece todos os segredos, pois nada pode ser escondido dela. Vor tem traços comuns com as völvas, as videntes xamânicas que praticaram seidhr, a arte mágica que permitia o desdobramento astral e o acesso a outros níveis de consciência, para obter o conhecimento necessário na realização de magias. Seidhr incluía um tipo de divinação feita por xamãs treinados para se deslocar entre os mundos, através de um estado alterado de consciência, obtido por meio de danças xamânicas, canções ou batidas de tambor. O propósito desta prática era encontrar respostas e orientações visando o bem estar da comunidade, em casos de doenças, desastres naturais, seca, inundações ou guerras.

Apesar da magia seidhr e as völvas serem associadas com a deusa Freyja, Vor representa uma característica de Frigga – o conhecimento do futuro – mas que ela não revela. Vor personifica a percepção intuitiva feminina, a capacidade de ver e compreender o significado de sinais e avisos sutis, sabendo o que se passa, sem precisar de palavras.



Na sociedade nórdica atribuía-se à mulher um potencial e poder sagrado e mágico, que lhe permitia entrar em conexão com as divindades, os seres sobrenaturais e os espíritos ancestrais. Por isso as percepções, visões e profecias das mulheres eram altamente honradas e seus conselhos e orientações seguidas com respeito e confiança.

Vor detém o poder da precognição, a habilidade de descobrir e compreender o significado de tudo que passou, bem como saber – e silenciar – sobre eventos vindouros. Porém ela transmite às mulheres a capacidade da interpretação da linguagem simbólica dos sonhos e avisos e desperta e fortalece o potencial intuitivo de cada mulher, ensinando-as como usá-lo para levantar os véus. Vor é a guia e mestra nos mundos e dimensões sutis, permitindo e orientando a expansão da consciência e da fé. Com sua permissão e ajuda, pode ser trazido à luz da consciência – tudo o que foi esquecido, reprimido ou preso no subconsciente (por medo de saber), auxiliando assim na cura e integração de todos os níveis do ser. A sabedoria que ela oferece não é acessível imediatamente, mas resultando de um

longo processo de conhecimento e crescimento psíquico, mental e espiritual.

Vor se apresenta como uma mulher madura, usando um véu ou um manto com capuz, podendo, ou não, segurar nas mãos um pergaminho, livro ou o símbolo adequado ao momento de vida do buscador. Ela pode ser invocada para o desenvolvimento da intuição e da habilidade de perceber e compreender sinais, na interpretação dos sonhos e oráculos, nas práticas de meditação – silenciosa ou xamânica – e nas sessões de magia seidhr.

O seu altar pode ser simples, com pedras, penas, cristais, uma taça com água e um oráculo. Vor não deve ser consultada sobre questão específica, mas para conhecimento geral e iluminação espiritual. Após um ritual a ela dedicado deve ser dada muita atenção aos sonhos e sinais, para descobrir e interpretar a mensagem por ela enviada. Vor também ajuda na conexão com o passado – desta e de outras vidas – e do resgate do poder e sabedoria ancestral.

“Tornar-se consciente” faz parte de um longo processo de aprendizagem e aprimoramento, não é algo isolado ou temporário, mas uma forma de viver, crescer e ampliar as dores sutis, aceitando e compreendendo – sem revolta – o traçado do seu destino .

A simbologia mágica das runas

por Mirella Faur



Desde a mais remota antiguidade a magia tem sido um denominador comum nas diferentes civilizações e culturas. Pelo aumento da insatisfação devido à falta de respostas das religiões tradicionais, o homem moderno tem procurado novos caminhos espirituais e para a sua realização sutil e a expansão da consciência volta a se interessar pelas antigas tradições místicas e mágicas. Atualmente há um interesse crescente no estudo dos mitos e das práticas celtas, nórdicas e xamânicas, despertando a força dos arquétipos ancestrais perdidos na noite dos tempos.

As runas constituem um antigo sistema mágico e oracular proveniente do Norte da Europa. Originariamente os símbolos rúnicos eram vistos como representações das forças da Natureza, sendo usados em rituais ou práticas mágicas para a conexão ou invocação daquela energia que um determinado símbolo representava. Com o passar do tempo os caracteres rúnicos passaram a constituir um alfabeto, com fins sagrados, mágicos e profanos. Existiram vários sistemas rúnicos, o mais conhecido e utilizado sendo Futhark, cujo nome era formado pelas

iniciais das seis primeiras runas: Fehu, Uruz, Thurisaz, Ansuz, Raidho, Kenaz. Este alfabeto difundiu-se em vários países europeus após o século II d.C e continuou a ser utilizado até o século XII, passando por algumas modificações fonéticas e numéricas que deram origem aos outros sistemas.

No atual panorama global do despertar de uma nova mentalidade - individual e coletiva - a cosmologia e a magia rúnica desempenham um importante papel, pois elas postulam a unidade e não a dualidade, ou seja, a interligação entre espírito e matéria, deuses, homens e Natureza. Para atingir um estado de equilíbrio: individual, coletivo, planetário, o ser humano precisa aprender a conviver em paz e harmonia com as outras formas de vida do planeta, em interligação e interdependência entre todos os seres, planos e reinos da criação. A visão ecológica da responsabilidade moral e espiritual do homem perante a Natureza constitui o conceito básico da filosofia nórdica.



Apesar de serem conhecidas apenas como um oráculo, as runas têm significados muito mais amplos e complexos, que vão além de um simples meio para adivinhar o futuro. Cada runa representa um símbolo pictográfico com vários simbolismos, tanto no plano material, quanto no espiritual. Representando chaves arquetípicas elas podem abrir as portas da percepção extrasensorial e proporcionar uma profunda compreensão espiritual, se forem devidamente conhecidas e utilizadas com cautela e respeito. Seu uso mágico requer o pleno conhecimento dos seus múltiplos significados e efeitos, que repercutem em todos os níveis: material, psíquico, mental, astral e espiritual. Jamais devem ser usadas de forma superficial, leviana ou desrespeitosa, como diversão.

Nas leituras rúnicas feitas por mestres e xamãs podem ser descobertos e identificados as influências dos padrões tecidos no passado, compreender os seus efei-

tos atuais e receber orientações para viver de forma mais harmoniosa, evitando erros, distorções e bloqueios energéticos com efeitos negativos no futuro. O uso oracular das runas realizado por pessoas competentes e devidamente preparadas oferece soluções – individuais e coletivas – para os desafios cotidianos, orientando nas escolhas e decisões e conscientizando os homens das suas responsabilidades na interdependência da tessitura cósmica. A divinação rúnica não é fatalista, ela leva em consideração o fluxo de energias cósmicas e telúricas, que dão margem ao acaso e ao exercício do livre arbítrio. Sendo regidas pela tríplice manifestação das Senhoras do Destino que tecem, medem e cortam os fios da intrincada e eterna teia do processo de vida-morte – renascimento, do tempo passado- presente - futuro, as runas não definem aquilo que irá acontecer. Elas indicam a direção das ações presentes necessárias para alinhar e retificar os desvios passados e evitar as futuras conseqüências potenciais. Por serem imbuídas de poder

mágico, seu uso correto depende do conhecimento e da experiência do conselheiro rúnico, que necessita de muito estudo, preparo e equilíbrio interior para decifrar e interpretar com segurança, imparcialidade e sabedoria as mensagens enviadas pelos deuses e reveladas através das runas.

Levando em consideração todos os requisitos necessários para a compreensão, avaliação e interpretação das runas, é fácil ver a grande responsabilidade de uma correta leitura rúnica, ainda mais se for feita para outras pessoas. Não basta adquirir um conjunto de runas,

decorar seus significados superficiais e “deixar fluir a intuição”. É imprescindível o pleno conhecimento dos conceitos cosmológicos e mitológicos, dos mitos e arquétipos, dos significados complexos e às vezes ambíguos ou contraditórios das leituras, dos efeitos benéficos ou não das combinações de runas. O praticante deve aprender o simbolismo e significado nos vários níveis em que as runas atuam, pois ele servirá como intérprete das mensagens oriundas do plano divino e deverá agir com discernimento e conhecimento do poder imbuído e representado pelas runas. A falta de um embasamento teórico e de uma experiência prática prolongada, de um preparo pessoal e de ética e prudência na interpretação, pode conduzir conselheiro e consultante por caminhos duvidosos com repercussões imprevisíveis nas suas vidas, tanto de um, quanto do outro, por tocarem inadvertidamente ou inocentemente nos fios da teia do Wyrð (destino).



Posta-restante por Maria Amaziles

Maria,

A xícara repousa vazia sobre a mesa, a sua atenção já esteja distante do teor da leitura, mas o gosto da artemísia ainda insiste em sua boca. Seus pensamentos criaram asas, vindo pousar na superfície de um espelho que teima em mostrar uma imagem que você reconhece bem. É o distanciamento de si mesma que, por instantes, deixa escapar um chamado de volta para casa.

Ao se deixar enredar numa trama infeliz, a humanidade sucumbiu a uma mentira, uma torpe lição de ensurdecimento, visando desvanecer o acesso a muitos recursos internos, sempre encontraram morada na alma feminina. Doravante, a “verdade” migrou para mãos masculinas que, gentilmente passaram a indicar o melhor caminho a seguir. Entre outras notas de descaminho, o espelho foi relegado ao papel de fútil indicador de aparências, e a taga relíquia ganhou espaço e status de adereço feminino, deixando um rastro de miséria em todas as relações.

Apesar disso, um fio invisível seguiu tecendo o poder da sabedoria nos recônditos intuição de cada mulher que se abriu à possibilidade de fazer brilhar novamente o fogo transmutador dentro de si. Como consequência direta, símbolos antigos vêm se revelando diante uma constelação de olhos e ouvidos observantes e o medo vem perdendo espaço para a alegria liberdade que o autoconhecimento proporciona. É a consagração de uma revolução silenciosa, que prescindir dos excessos e cuja força está ancorada no amor, na inclusão, no entendimento.

Essa é a chave que entrego a você, a revelação que inspiro hoje em seu coração, e trará um sentido novo à sua busca mais sincera. Através dela, uma nova consciência encontrando seu espaço neste mundo, e pavimentando o caminho que conduzirá à paz plena da comunhão comigo.

Em sabedoria e amor,

Aquela que é.



Próximo Ritual
Plenilúnio: Celebração da Deusa Nativa
Americana Mulher Concha Branca
Data: 12 de março de 2017, às 20h
Somente para mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na Unipaz-
Brasília-DF.

Expediente Jornal Deusa Viva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes e
Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur e Maria Ama-
ziles
Imagens da Rede Mundial de
Computadores
Informações: